

Nas últimas décadas, temos presenciado a passagem de uma “ética do silêncio”, conforme definiu a historiadora Hebe Mattos para designar a ausência do signo negro nos documentos oficiais e públicos, mas também no texto visual, para o que a antropóloga Rita Laura Segato chamou de “eficácia comunicativa”, ou seja, a colocação deste signo em discurso e nos “ambientes pelos quais transitamos”. Esta “passagem” tem criado condições para o reconhecimento do racismo pelo Estado e da permanência de práticas de exclusão na sociedade brasileira. De outra parte, este reconhecimento abriu novas preocupações e espaços de pesquisa no âmbito das ciências sociais e humanas; tornou obrigatório o ensino de “História da África” em escolas públicas e justificou a adoção de políticas de discriminação positiva, como a das cotas nos concursos públicos, que, dentre outros efeitos, (re)introduziu o debate sobre a questão racial na universidade, nos órgãos decisórios e na mídia em geral. O polêmico debate que a política de cotas suscitou nos últimos anos, tem contribuído para desvelar definitivamente o mito da “democracia racial” brasileira, elaborado por intelectuais durante os anos 1930 e que serviu de base para construção da identidade nacional, revelando, ao contrário, a permanência de estruturas hierárquicas e discriminatórias herdadas do sistema escravista.

Na tentativa de contribuir com este debate, a *Unimontes Científica* traz, neste número, o “Dossiê

Afrografias Brasileiras: memória, cultura e sociedade”, organizado pelo professor Osmar Pereira Oliva do Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes. Sob uma perspectiva interdisciplinar, o dossiê parte das análises discursivas de imagens e representações do negro em textos literários e cinematográficos de conhecidos autores brasileiros, escritos em diferentes épocas, passando, assim pelo drama “Mãe” de José de Alencar escrito em 1859 – artigo de Maria Elizabeth Carneiro –, pelo conto “Bocatorta” de Monteiro Lobato escrito em 1918 – artigo de Alexsandra Loiola Sarmiento – e pelo recente documentário “Adão ou somos todos filhos da terra” (1999) de Walter Salles e Daniela Thomas – artigo de Elen Doppenschmitt. Em seguida, apresenta algumas heranças históricas da escravidão no Brasil presentes nas idas e vindas da comunidade Negra Rural de Brejo dos Crioulos no norte de Minas, enredada nas “tramas do aparelhamento estatal”, em busca do reconhecimento do seu direito sobre o território ancestralmente ocupado – artigo de João Batista Costa –; nos dados da escravidão do município de Chapada do Norte durante o século XIX – artigo de Liliana Mendonça Porto –; na ausência de estudos sobre África no Brasil, mas também nas chamadas “trocas culturais” que se deram nas relações entre o continente africano e a América Portuguesa – artigo de Alysson Freitas de Jesus. O dossiê fecha com a discussão sobre a política de cotas para afro-descendentes que fomentou o debate atual; assim apresen-

ta a criteriosa pesquisa de Geisa Magela Veloso sobre a reserva de vagas no âmbito da Unimontes, as concepções docentes analisadas se alteraram entre a crença de que o processo promove a discriminação racial e a afirmação de que ele apenas faz vir à tona a discriminação já existente na sociedade; por fim, uma entrevista com a professora Rita Laura Segato que, juntamente com o professor José Jorge de Carvalho, apresentou o projeto de cotas da UnB que foi pioneiro no Brasil e que desencadeou a discussão no âmbito da universidade pública brasileira.

A seção de artigos neste número, também interdisciplinar, contemplou as áreas das ciências humanas, biológicas e agrárias. A capa evoca a temática do dossiê com uma tela da artista plástica montesclareense, formada em filosofia, Maria Socorro Isidoro. Conforme a artista os “textos” de suas telas versam sobre alteridade e cultura enquanto “cimento de um povo que se constrói, com seus valores, modos de ser, lutar e festejar a vida”. A base é a África com seus equívocos e espelhos colocados por “mãos européias” que refletiam a imagem de um povo “estranho” e “esquisito”. A marca do seu tra-

balho, que já a torna conhecida, sem dúvida é o colorido e o grande número de figuras femininas, a exemplo da tela “Africanas” selecionada para a capa.

Com este número, a *Unimontes Científica* encerra a seção de dossiês temáticos e a gestão do atual Conselho Editorial (2002-2007) para dar lugar a um novo formato e a novos editores, mas permanecendo com seu conteúdo interdisciplinar. Em nome do Conselho Editorial que se despede, agradeço a todos os autores e revisores que contribuíram conosco neste número e nos números anteriores, ao professor Mário Rodrigues de Melo Filho, pró-reitor de pesquisa durante nossa gestão, e ao reitor professor Paulo César Gonçalves de Almeida que sempre nos deram pleno apoio e incentivos; a imprensa universitária parceira desde o início; e, em especial, a Fapemig pelo financiamento integral da publicação dos exemplares deste número que possibilitou a ampliação da divulgação, e, conseqüentemente, da nossa credibilidade entre as instituições de pesquisa de todo país.

Cláudia Maia
Editora Geral (2002-2007)